

A configuração midiática do programa televisivo *Aglomerado*: as interações comunicativas e a convocação de lugares de fala

The mediatic configuration of the television show *Aglomerado*: Communicative interactions and the convocation of speech places

Lorena Rúbia Pereira Caminhas¹

RESUMO

Este artigo trata da análise das interações comunicativas e dos lugares de fala no programa televisivo *Aglomerado*, objetivando compreender quais as escolhas efetivadas para materializar midiaticamente seus principais propósitos: configurar um espaço que abriga tanto o debate sobre questões atinentes à vida na favela quanto à visibilidade da cultura e da arte desenvolvidas no subúrbio. Para a realização da investigação, optou-se por desenvolver o estudo dos discursos e das interações de quatro episódios de *Aglomerado*. Percebeu-se que o programa, através de sua configuração midiática, centraliza a publicização e encobre o debate e, como consequência, não consegue concretizar suas intenções plenamente.

Palavras-chave: televisão, favela, interação.

ABSTRACT

This article focuses on the analysis of communicative interactions and speech places on the television show *Aglomerado*, aiming to understand what the choices made to achieve its main purposes are: to set up a space that shelters both the debate on questions of life in the favela and the visibility of culture and art developed in the suburbs. To carry out the investigation, we choose to develop the study of discourses and interactions of four episodes of *Aglomerado*. We realize that the program centers the publicity and covers the debate and, consequently, cannot achieve all of its goals.

Keywords: television, slum, interaction.

¹ Universidade Estadual de Campinas. Rua Cora Coralina, 100, Cidade Universitária Zeferino Vaz, Barão Geraldo, Campinas, SP, Brasil. E-mail: lorenarubiapereira@gmail.com

Introdução

O presente artigo indaga sobre a confluência ou divergência entre os objetivos apresentados pelo programa televisivo *Aglomerado* e sua materialização midiática, atentando-se especificamente para as escolhas interacionais e discursivas efetivadas. Destarte, o trabalho procura investigar como são estabelecidas as interações comunicativas e quais lugares de fala são convocados na interlocução dos apresentadores com os convidados, e como elas formatam os objetivos de promoção de debate sobre a favela e visibilização da cultura da periferia.

*Aglomerado*² é fruto de uma parceria entre a TV Brasil – rede de televisão pública – e a Central Única das Favelas (CUFA) – organização não governamental –, e possui como objetivo central mostrar a cultura desenvolvida na periferia e discutir os temas de importância para esse lugar, buscando reverter o quadro de dicotomia entre morro e asfalto. Ele demarca sua especificidade já na locação: o viaduto Negrão de Lima, em Madureira, sede da CUFA-RJ. “Morro, asfalto e periferia aglomerados. É esta a proposta do *Aglomerado*, um programa que fala sobre cidadania e mostra o Brasil urbano, multirracial e multicultural” (*Aglomerado*, 2016). Apresentado e idealizado por Alex Pereira Barbosa (MV Bill) e Gisele Gomes de Souza (Nega Gizza)³, o programa busca possibilitar uma visão peculiar da favela e de seus moradores, bem como das questões socioculturais que se engendram nesse espaço.

Aglomerado possui dez quadros temáticos na primeira temporada e seis na segunda⁴, que são exibidos de modo alternado dentre os episódios. O programa se organiza da seguinte maneira: entrevistas com os convidados são realizadas no palco, pautadas por assuntos que tenham relação com a favela; em concomitância, os quadros são exibidos, revelando as iniciativas e os projetos culturais e artísticos desenvolvidos nesse lugar. Neles são apresentadas argumentações que se relacionam diretamente ao debate estabelecido no palco. Toda a construção do *Aglomerado*

é pautada por uma tentativa de saída do gueto simbólico dos moradores de periferia, procurando acentuar que o subúrbio não está à margem.

Para a análise, foram selecionados dois episódios da primeira e dois da segunda temporada do *Aglomerado*⁵, escolhidos de acordo com as características dos convidados: dois são com indivíduos que moram nos morros e outros dois com pessoas que não habitam as comunidades, mas são artistas consagrados na música. Optou-se por analisar as duas temporadas com o objetivo de perceber se a configuração midiática do programa sofreu alterações, uma vez que, em sua primeira exibição, o formato ainda estava em fase de teste e, na segunda, ele já havia sido revisado e retrabalhado.

As representações dos moradores de favela no cotidiano e na mídia

Os objetivos de *Aglomerado* dialogam diretamente com as representações que circulam no cotidiano e nos meios de comunicação sobre a favela e seus moradores. O programa procura reformular a posição dos habitantes da periferia na sociedade, trazendo imagens e enunciados que contrariam os padrões culturais hierárquicos que os assinalam como sujeitos carentes tanto no nível material – as precárias condições de vida – quanto no simbólico – a suposta incapacidade de produzir cultura e arte de qualidade. Para seus produtores e idealizadores, seria preciso transformar a posição da favela na mídia, já que, segundo Nega Gizza, “A TV não falava sobre o que eu via no dia a dia, sobre meu universo”. Desse modo, *Aglomerado* teria um importante papel porque propõe “um reforço de uma cultura que já existe na favela e no subúrbio, e uma chance de mostrá-la fora de seu ambiente também” (*Aglomerado*, 2016).

² O programa possui duas temporadas exibidas entre os anos de 2011 a 2013.

³ Ambos os apresentadores nasceram e permanecem morando na periferia do Rio de Janeiro, são cantores de *rap*, fundadores da CUFA e importantes representantes do movimento negro e de moradores de favela no Brasil.

⁴ Os quadros da primeira temporada são: “Cadeia Produtiva”, “Guerreiros e Guerreiras”, “É fácil falar de mim, difícil é ser eu”, “Boa da Noite”, “Perspectiva”, “Hora do Caô”, “Prada de Bambas”, “Cine Rapidinho”, “Na Pista”, “Porradão” e “Entrevistas”. Na segunda são: “Guerreiros e Guerreiras”, “Perspectiva”, “É fácil falar de mim, difícil é ser eu”, “De Boa”, “Hora do Caô” e “Papo de moleque”.

⁵ Os episódios analisados, por que não possuem denominação, foram enumerados de 1 a 4, sendo que o 1 (exibido em 13/08/2011) e o 2 (exibido em 11/06/2011) correspondem à primeira temporada e o 3 (exibido em 09/11/2013) e 4 à segunda (exibido em 23/11/2013). As citações são feitas indicando o número do episódio.

Os moradores de periferia são sujeitos marcados pela estigmatização e desvalorização simbólica tanto no corpo social quanto no espaço midiático. A favela, como apontam Zaluar e Alvito (2003), desde seu surgimento, tem sido povoada por representações diversas, marcada principalmente pelo elemento de precariedade urbana que congrega a pobreza de seus habitantes e o descaso do poder público. Entendida como sítio de carência, ela é vista como o problema central da cidade, o local da desordem, da patologia social e da poluição. A exclusão social do subúrbio do seio urbano ainda foi marcada pela imagem do crime, tornando-o espaço dos bandidos e das classes perigosas. Zaluar e Alvito (2003) demonstram que os estereótipos que se formaram sobre a periferia estão atrelados também à imagem do favelado como fantasma, constituído em oposição à identidade de cidadão urbano que se pretendia formar.

Os sentidos que são atribuídos à favela são marcados pela dualidade: de um lado, o reforço da diferença entre morro e asfalto, constituindo o subúrbio como oposto da cidade; por outro prisma, as ideias da periferia como o lugar da falta e da exclusão social se chocam com a imagem de um complexo social coeso, o seio das relações familiares e de vizinhança. A periferia carrega a marca da ambiguidade, tornando seus indivíduos sujeitos sociais, mas não cidadãos: configurando-os como “os que partilham ao mesmo tempo a proximidade das relações morais e a distância do que não se conhece, firmando um terceiro elemento entre amigos e inimigos” (Zaluar e Alvito, 2003, p. 20).

Na mídia, a imagem dos moradores de favela foi se transformando ao longo dos anos. A representação do favelado entre os anos de 1970 e 1980 esteve atrelada à pobreza, cuja causa principal era a injustiça social. A periferia era metáfora da precariedade, enquadrada pelo viés da carência. Outra forma de sua aparição nos meios era através da figura do trabalhador. De acordo com Vaz e Baiense, era por meio da atividade profissional que o subúrbio se integrava à cidade, “pelo trabalho que o morador promove a limpeza moral que o liberta da prisão e o autoriza a subir o morro” (2011, p. 7).

A década de 1990 e os anos 2000 representaram um momento de transição para os modos de enquadramento do favelado na mídia. Para Vaz e Baiense (2011), nessa época, ainda era possível perceber resquícios do discurso da injustiça social, revelando uma sociedade que se via em dívida com os pobres, bem como o surgimento

de enunciados que demarcavam a favela como lugar da violência. A imagem da periferia passa a ser relacionada à criminalidade e à delinquência, definindo o morro como reduto de bandidos. Paulo Vaz *et al.* (2005) destacam, nesse período, a criação de uma “comunidade de vítimas virtuais”, remetendo à vulnerabilidade de uma classe média mediante o poder paralelo do subúrbio.

É a partir dos anos 2000 que se testemunha, de acordo com Rocha (2005), o aparecimento de diversos programas televisivos⁶ que buscam retratar o cotidiano da periferia, e adensar as discussões acerca de suas mazelas sociais. Conforme a autora, essas tentativas de transformação nos padrões de representação é um processo em pleno desenvolvimento, e podem colaborar com a eclosão de espaços de debates e de exibição das questões que envolvem os subúrbios, tornando suas mazelas e seu cotidiano de conhecimento público.

Aglomerado procura se inserir no conjunto desses programas que buscam retratar a periferia de forma multifacetada, mostrando as relações estabelecidas nesse lugar, promovendo a visibilidade de sua cultura e discutindo seus problemas sociais. Entretanto, essas iniciativas não estão livres de constrangimento, já que o espaço midiático é marcado por disputas de pautas e sentidos que podem ora permitir ora negar a introdução de novos temas e discussão.

O debate público e a visibilidade na mídia

Os meios de comunicação podem ser considerados como espaços privilegiados de intercâmbio social, podendo atuar como importantes ferramentas para promover o reconhecimento dos grupos minoritários, possibilitando a participação no processo comunicativo que edifica a realidade social. De acordo com Mata (2001, 2006), o espaço público construído pela cidadania é intercambiado com os *media*, vinculando as demandas coletivas às agendas midiáticas. Ainda que não se constitua como a única instância de reflexão, elaboração e visibilização dos requerimentos dos cidadãos, a comunicação de massa possuiu uma magnitude e um estatuto particular: produz regulações discursivas que expressam, instauram e reproduzem práticas cotidianas.

⁶ A autora apresenta o seriado “Cidade dos Homens”, produzido e apresentado pela Rede Globo de Televisão.

A mídia é uma matriz configuradora de identidades que atua como instância de estruturação da realidade e de visibilidade de demandas e de debates públicos, produzindo e organizando os sentidos em torno da vida social. A inserção de grupos minoritários nos *media* e a inclusão de suas reivindicações nesses espaços configuram um ambiente de tensões e conflitos, reelaborando as lógicas dos movimentos sociais. Nesse contexto, surgem “estratégias e políticas de visibilidade midiática” (Cogo, 2004) com o objetivo de inserir os sujeitos subalternizados, enfatizando suas identidades e suas particularidades culturais. As “micropolíticas cotidianas de visibilidade” (Cogo, 2004) propõem a introdução de temáticas e reivindicações tanto no nível material quanto simbólico, remodelando as lógicas de tratamento sobre grupos organizados.

O acesso aos *media*, de acordo com Maia (2009a), pode favorecer o avanço das questões sociais, inserindo a luta por direitos em diversas lógicas e modos de comunicação. Para a autora, além da visibilidade dos atores sociais, os meios de comunicação proporcionam uma “arena discursiva” (Maia, 2009b), em que argumentações são apresentadas e discutidas. Entretanto, ter participação e visibilidade nos meios de comunicação não transcorre de modo linear e de fácil realização. Para que determinados grupos consigam inscrever suas demandas na agenda midiática, devem se engajar em processos competitivos pelo acesso aos enquadramentos das mensagens e das imagens. Obtendo sucesso, esses sujeitos podem alcançar os recursos e as oportunidades para inserir e definir seus direitos publicamente, abarcando uma ampla audiência.

Para Maia (2009a, 2009b) os *media* apresentam vários obstáculos para a inscrição dos sujeitos e de suas demandas, uma vez que existe uma restrição da quantidade de notícias e de temáticas que podem aparecer nos veículos, que, na maioria das vezes, preferem as falas formais e as políticas institucionais. Além disso, os enquadramentos também promovem limitações, já que, ao abrir espaço para um conjunto de questões e expressões, acabam por excluir outras do quadro. Ainda é preciso considerar que algumas demandas são de difícil tematização e não se encaixam facilmente nas lógicas midiáticas. Desse modo, indivíduos devem formular práticas de negociação permanente com as instituições midiáticas, a fim de participar no processo de produção das mensagens.

Em *Aglomerado*, a conformação das interlocuções e dos lugares de fala são os elementos acionados para estabelecer na mídia seus principais objetivos de construir uma narrativa sobre suas vivências e estabelecer um espaço de discussão sobre a favela. Através do acionamento

desses elementos, é possível perceber as dificuldades, no terreno dos meios de comunicação, que são enfrentadas para conseguir edificar um programa que preze tanto pela visibilidade quanto pelo debate acerca das características das periferias.

Aparatos metodológicos: as interações comunicativas e os lugares de fala

A efetivação dos objetivos de *Aglomerado* depende dos mecanismos acionados para desconstruir os principais estereótipos sobre a periferia dentro do espaço midiático. As interlocuções e as falas selecionadas para figurar nesse ambiente são os principais elementos elencados pelo programa para construir sua narrativa midiática sobre o subúrbio, elementos esses que podem permitir ou vetar as diversas argumentações sobre temas relacionados à favela, bem como a publicização de sua vertente cultural.

No presente estudo, trabalha-se com a noção de interações comunicativas de Braga (2011, 2012), autor que situa as interlocuções sociais como o espaço de ocorrência do comunicacional. Para ele, a comunicação é estabelecida por meio de um processo de fala e escuta que é sempre tentativo, pois envolve sucessivos esforços de instaurar a relação e o entendimento sobre o que é comunicado. As ações sociais que envolvem o diálogo entre dois ou mais agentes são organizadas tendo em vista as expectativas envolvidas na conversação e os comportamentos resultantes do encontro, fundamentando os esquemas configuradores da interlocução, substanciando e atualizando os “episódios interacionais” (Braga, 2012). Objetiva-se apreender a formatação das interações comunicativas no programa, buscando perceber os parâmetros, as referências e os modos de interlocução principais entre os sujeitos no *Aglomerado*.

Pretende-se também examinar o “lugar de fala”, a fim de compreender os proferimentos e suas estruturas significativas, revelando as circunstâncias e o contexto que permitem que determinado enunciado possa ser dito e sustentado pelos sujeitos no programa. Tal abordagem sugere que as circunstâncias e a situação concreta de produção de enunciados são a chave para determinar o lugar – o espaço social – em que a fala pronunciada por determinados sujeitos passa a fazer sentido. De acordo com

Braga (2000), o lugar de fala se refere ao local de sentido dos proferimentos: o discurso se constrói seguindo uma lógica determinada e se refere a uma situação concreta.

Para uma análise sob esse prisma, é preciso estar atento para a realidade construída pelo discurso. O estudo que ambiciona voltar-se para a apreensão das interações atentando-se para a fala nos produtos midiáticos deve “observar que lógica é essa – ou seja, em que lugar a fala faz sentido – ou, ainda, que ‘coerência’ entre fala e situação estrutura este conjunto de tal forma que [...] a fala tenha sentido” (Braga, 2000, p. 163). Para perceber o lugar de fala no *Aglomerado*, toma-se como ponto de partida a configuração das interlocuções pelos dispositivos interacionais. A partir da interação construída e organizada, olha-se para os proferimentos e para suas estruturas significativas, buscando compreender o “lugar” (as circunstâncias, o contexto) que permite que determinada fala possa ser dita e sustentada por um sujeito.

Episódio 1

No Episódio 1, o programa propõe um debate sobre o *funk* como expressão das periferias, considerando-o patrimônio cultural. É discutida a criminalização desse estilo musical e são abordados os preconceitos relacionados à imagem do funkeiro. *Aglomerado* atenta, também, para a difusão desse gênero de música fora das favelas e as novas perspectivas para os grupos recém-iniciados.

Os primeiros convidados a entrarem no palco são os integrantes do Bonde do Tigrão – grupo de *funk* do Rio de Janeiro – que cumprimentam MV Bill chamando-o de “negrão”. Outro convidado importante é o DJ Duda, que alavancou as carreiras de diversos “bondes”. A conversa com eles retoma o tom de aproximação entre os sujeitos ali presentes, remetendo aos laços que unem apresentadores e convidados – todos são moradores das periferias e se identificam com suas expressões culturais.

Nesse momento, MV Bill relembra uma conversa com Duda nos anos 2000, período em que os “bondes” estavam se espalhando na Cidade de Deus, e o DJ aparecia como principal expoente do *funk*. No programa, Duda é um interlocutor legítimo, que pode se expressar sobre o *funk*, porque esteve presente como produtor e organizador dos “bondes” desde o surgimento desses grupos na Cidade de Deus, além de se identificar com seu universo social. A proximidade entre os interlocutores e a importância do

DJ para o *funk* podem ser percebidas a partir da primeira pergunta de MV Bill para Duda:

DJ, tem várias perguntas que eu poderia te fazer, mas eu gostaria de falar um fato que eu lembro. Tipo assim, no início dos anos 00, a gente trocando ideia lá na Cidade de Deus, eu te perguntei mais ou menos quantos grupos de funk tinham na Cidade de Deus. E esse cara me falou que, mais ou menos, catalogados, porque naquela época surgiu um grupo a cada minuto e em cada lugar, tinha mais ou menos cerca de oitenta bondes. E com isso a Cidade de Deus, mas ninguém falou, mas a Cidade de Deus era o bairro, a favela com o maior número de grupos de funk do mundo. E o Duda era um dos caras que organizava, ajudou a organizar esses bondes. Vocês (se referindo ao Bonde do Tigrão) saíram inclusive do festival que ele (DJ Duda) criou dentro do Coroadó (Aglomerado, Episódio 1).

Em todos os momentos do episódio, fica evidente que as interações são baseadas na proximidade e familiaridade, relacionando-se diretamente com os discursos, tornando-os autênticos e atestados pelo pertencimento ao cotidiano da periferia. Todos os convidados dessa edição possuem relação direta com as experiências que enunciam, na medida em que são moradores de favela e cantores de *funk*, se vinculando ao universo sobre o qual narram e se reconhecendo nele.

Após a conversa com Duda e o Bonde do Tigrão, é apresentado o quadro “Guerreiros e Guerreiras”, revelando a iniciativa de Antônio Veríssimo, criador do projeto Teatro da Laje, que tem como objetivo oferecer a formação de ator/atriz para os moradores de periferia. Localizado na Vila Cruzeiro, Rio de Janeiro, o Teatro da Laje assumiu como desafio “provar que era possível fazer teatro de qualidade, buscar uma linguagem teatral na favela, que dialogasse em pé de igualdade com o que se fazia na zona sul” (*Aglomerado*, Episódio 1).

O Bonde do Vinho – funkeiros cariocas nascidos na favela Cidade de Deus (CDD), mesma periferia de origem de MV Bill – são os segundos a serem entrevistados. No início da conversa, o apresentador já demarca o lugar de pertencimento dos integrantes do grupo: “São meus conterrâneos porque são da CDD. Já começa me dizendo por que na Cidade de Deus tem tanto bonde” (*Aglomerado*, Episódio 1). O diálogo prossegue lembrando a época em que eles ainda não eram cantores. MV Bill comenta sobre o período em que via os componentes do Bonde do Vinho pela janela de casa “dando um rolê na CDD”.

Os apresentadores convocam os últimos convidados dessa edição a se apresentarem, o Bonde dos Caçadores – também moradores da Cidade de Deus. Mais uma vez, MV Bill lembra que até hoje é vizinho dos membros da banda e reafirma que eles vêm do mesmo lugar, presenciando a mesma realidade. MV Bill recorda que “a gente é vizinho então eu te conheço (Mau-mau) de longa data, de muito tempo, antes inclusive de você tá nesse visual *fashion do funk*” (*Aglomerado*, Episódio 1).

Na construção de uma narrativa sobre o *funk*, a periferia aparece como o centro de convergência dos grupos e ambiente de inspiração para as músicas. Na conversa com o Bonde do Vinho, os apresentadores e convidados asseguram que a Cidade de Deus é o lugar de nascimento do *funk*, relacionando esse gênero de música com as histórias de vida dos integrantes das bandas. As raízes do *funk* são evidenciadas quando MV Bill e Nega Gizza perguntam se os funkeiros mais velhos ajudam os recém-iniciados na carreira musical. Os convidados afirmam a dificuldade de começar uma carreira, principalmente por causa da precariedade das gravadoras e da estrutura dos bailes, o que exige que as bandas de sucesso apoiem os que estão principiando.

Na conversa com os grupos, os temas relacionados ao *funk* mantêm de modo contínuo a proximidade com os dilemas das favelas, acentuando sua função social. No decorrer do programa, MV Bill defende o direito de contar a realidade da periferia por meio do *funk*, ainda que haja incômodo de alguns setores da sociedade, e afirma a existência de preconceito linguístico, uma vez que a “forma de falar da favela” seria por meio de gírias e palavrões. Em seguida, a pauta passa a ser a construção do *funk* como estilo musical e os problemas de aceitação que tem enfrentado ao adentrar em distintos segmentos sociais (muitos dos quais o encaram como música de valor cultural inferior).

Outro tópico importante é a violência: apresentadores e convidados comentam como os bailes *funks* sofrem repressão por parte da sociedade e da polícia brasileira. A música é criminalizada e é atrelada ao clima de tensão que perpassa os subúrbios. Nesse momento da conversa, os interlocutores relembram a coerção policial que sofrem diariamente. O tema do preconceito é retomado, dessa vez se atendo à estética, aos modos de se vestir e de se portar dos funkeiros.

Em tentativa de diálogo com a plateia sobre o tema, MV Bill e Nega Gizza perguntam se algum dos presentes já passou pela situação de comparecer a um baile *funk* e não conseguir participar porque foi impedido. Aparecem muitos relatos de festas interditadas pela polícia por serem associadas a “baderna” e apologia à violência. A conversa é finalizada com a afirmação de que o *funk* se disseminou e é parte da realidade do país. A apresentadora afirma que esse gênero musical é “expressão cultural e a cara do Rio de Janeiro” e pede uma “salva de palmas para o *funk*” (*Aglomerado*, Episódio 1).

Em seguida, entra a entrevista realizada com Adriana Rattes (Secretária da Cultura do Rio de Janeiro à época de exibição do capítulo) e MC Leonardo (fundador da Associação Nacional do *Funk* – APAFUNK), que afirma a intenção de debater o valor cultural do *funk*. Nega Gizza chama o quadro de entrevista perguntando “*Funk* é cultura?” e a secretária responde: “Evidentemente que o *funk* é cultura, assim como o samba é cultura e há um século atrás talvez a gente tivesse que fazer a mesma pergunta sobre isso” (*Aglomerado*, Episódio 1). Em seguida, MC Leonardo reafirma o valor cultural do estilo musical e reforça que existe um grande preconceito com a música *funk*, dizendo que, “como toda e qualquer cultura do mundo que veio da periferia e da negritude, vai sofrer algum tipo de repressão”, mas que os moradores de favela são “produtores de cultura, nós promovemos cultura, nós consumimos cultura, nós



Figura 1. DJ Duda conversa com MV Bill.
Figure 1. DJ Duda talks to MV Bill.



Figura 2. Bonde do Vinho e dos Caçadores.
Figure 2. Bonde do Vinho and Caçadores.

divulgamos cultura e nós temos direitos garantidos pela constituição” (*Aglomerado*, Episódio 1).

A exibição das entrevistas está em consonância com a conversa desenvolvida no palco com os grupos de *funk* sobre preconceito, tratando-o como ilegítimo e injusto, na tentativa de valorizar o estilo musical e situá-lo como uma expressão cultural. Essa matéria também corrobora com todas as conversas desenvolvidas com os convidados, que buscam enaltecer e mostrar o *funk* como um estilo musical legítimo.

Episódio 2

No Episódio 2, o tema do *funk* reaparece atrelado à questão da discriminação racial e social. Fernanda Abreu – cantora de música popular brasileira – se apresenta. A atmosfera de proximidade permanece: a convidada e MV Bill sentam-se um ao lado do outro no palco, enquanto Nega Gizza está alocada no meio da plateia.

A conversa com o apresentador segue em tom informal, remetendo à familiaridade da cantora com o *funk*: “Fernanda, eu já sei a resposta, mas gostaria de saber de você, curte baile *funk*, né?”, e ela responde:

Eu nunca vou me esquecer a primeira vez que eu fui num baile. Quando eu entrei e vi aquele sistema de som do baile funk, aquelas caixas emparelhadas, aquele bloco de paredes, aquele som, aquele grave, aquilo ali mudou a minha vida, totalmente, completamente a minha vida. E eu meio que me achei, assim, eu me achei na festa, eu

me achei na parada black, tinha muito preto, sabe, aí eu falei: cara, esse é o meu lugar! (*Aglomerado*, Episódio 2)

O diálogo entre eles prossegue debatendo os preconceitos que envolvem o estilo musical. Fernanda Abreu comenta com o apresentador que “o *funk* é a alegria e a dor de ser funkeiro”, retomando sua própria experiência com o estilo musical: “nossa, seu som é tão legal, pena que você tem uma coisa assim, uma coisa meio *funk*, né, pena que você defende o *funk*, aquela música horrível” (*Aglomerado*, Episódio 2). A cantora aponta, ainda, que, no contexto brasileiro, as músicas desse estilo remetem a uma discussão sobre “preto, sobre racismo, sobre a sociedade brasileira” (*Aglomerado*, Episódio 2). As letras do *funk* também aparecem como pauta: “Eu acho que dá para avançar mais ainda, na coisa da produção musical e das letras. Eu acho que hoje em dia tem muito *funk* que fala de sexo explícito e, eu acho assim, legal, mas eu sinto falta de outro assunto” (*Aglomerado*, Episódio 2).

No palco, Fernanda Abreu e os apresentadores discutem junto com a plateia o preconceito em relação ao *funk*, e a cantora relativiza dizendo que as músicas precisam se desvencilhar do sexo e da apologia à violência. Eles enfatizam a necessidade de romper com o preconceito em relação ao *funk* e que o estilo musical deve ser encarado como igual aos outros.

Em seguida, MV Bill introduz o quadro “Fácil é falar de mim, difícil é ser eu” comentando: “Dizem que elas são promíscuas, não se dão o valor, mas aqui no programa *Aglomerado* elas têm voz e podem se defender” (*Aglomerado*, Episódio 2). Na matéria, a tentativa é mostrar as controvérsias relacionadas com o estilo musical e a presença das mulheres nesse ramo. Taty Princesa expõe



Figura 3. Fernanda Abreu sentada ao lado de MV Bill.
Figure 3. Fernanda Abreu sitting next to MV Bill.



Figura 4. Fernanda Abreu, MV Bill e Nega Gizza.
Figure 4. Fernanda Abreu, MV Bill and Nega Gizza.

argumentação similar à de Fernanda Abreu, dizendo que o samba presenciou a mesma realidade do *funk*, mas foi sendo valorizado ao longo dos anos. Para a funkeira, “Claro que existe a coisa da música de duplo sentido. Claro que existem músicas que fazem apologia ao sexo” (*Aglomerado*, Episódio 2), mas o *funk* não se reduz a esses temas.

No momento de finalização do programa, os apresentadores declaram sua amizade com a cantora, demonstrando que a relação entre eles já é consolidada há muito tempo e que convivem no cotidiano. Exatamente porque todos compartilham ambientes e experiências semelhantes, é possível convocar Fernanda no *Aglomerado* e sustentar uma interação baseada no contato próximo e familiar:

MV Bill: *A gente tá trocando ideia aqui com Fernandinha Abreu. Fernanda, eu queria agradecer muito a sua presença*

Fernanda Abreu: *Pô, eu que agradeço, gente, agradeço muito.*

MV Bill: *Que ideia bacana! Nega Gizza.*

Nega Gizza: *Fernanda, né. Realmente a gente tem uma proximidade grande, né. Fernanda tá sempre junto conosco e é uma pessoa que é isso mesmo: Rio quarenta graus, carioca, essa coisa da mistura. Tudo o que você falou aqui é realmente o que você é (Aglomerado, Episódio 2).*

Episódio 3

O Episódio três é denominado “A arte nossa de cada dia”, e nele é discutida a cultura e suas diversas formas

de expressão, revelando sua importância para a vida dos sujeitos em sociedade e para a emancipação daqueles que se encontram em situação de subalternização – como os moradores de favela. A ênfase é dada sobre o potencial de produção de cultura pelas pessoas no cotidiano e são apresentadas diversas iniciativas – individuais e em grupo – que trabalharam a arte por vias alternativas ou em lugares nos quais ela não chegava.

No episódio 3, Lenine é convidado ao palco, e a conversa proposta é sobre a arte e sua importância para a vida social. A interação estabelecida é baseada na personalidade entre os apresentadores e o cantor, e pode ser apreendida na saudação e no tom do diálogo. MV Bill cumprimenta Lenine e o chama de “grande cara”, “parceiro” e “compadre”, e ao longo de toda a entrevista essas expressões reaparecem. O cantor afirma: “Eu tô totalmente aqui no coletivo. Aglomerado junto e misturado” (*Aglomerado*, Episódio 3).

A entrevista com o cantor centra-se na discussão sobre o papel da arte no cotidiano, e os apresentadores exploram a vivência do convidado a respeito da temática. Além disso, os projetos que incentivam a atividade artística aos moradores de periferia são citados e é discutida sua importância para o desenvolvimento das crianças e dos adolescentes, como modo de oferecer melhores oportunidades de vida. A arte como parte das atividades cotidianas também é assunto da entrevista, na busca por mostrar que não é preciso ser artista para produzir um trabalho artístico e que, no dia a dia, a arte também é elaborada e reinventada.

No Episódio 3, os assuntos pautados remetem tanto à vivência do convidado – como cantor consagrado da música brasileira e como alguém que possui diversas experiências no mundo artístico –, quanto às iniciativas que levam a arte para a favela e oferecem oportunidades



Figura 5. Entrevista com Lenine.
Figure 5. Interview with Lenine.



Figura 6. Apresentadores e Lenine abraçados.
Figure 6. Presenters and Lenine embraced.



Figura 7. Lenine no palco com “Teatro de Anônimos”.
Figure 7. Lenine on stage with “Teatro de Anônimos”.



Figura 8. Lenine brinca com integrante do grupo de teatro.
Figure 8. Lenin plays with member of the theater group.

de aprendizado para os jovens moradores. Em meio ao bate papo, é convidado para o palco o grupo “Teatro de Anônimos”, formado por habitantes das comunidades através da iniciativa pessoal dos envolvidos.

Na tentativa de aproximar os convidados, Lenine e os integrantes do “Teatro de Anônimos”, o apresentador convoca o cantor para a conversa no palco: “Deixa eu chamar pra roda aqui da conversa meu parceiro Lenine. Chega pra cá Lenine, participar junto com a gente aqui e assumir seu posto junto com a gente” (*Aglomerado*, Episódio 3). Nesse momento, Lenine faz uma brincadeira com um dos integrantes do grupo de teatro, configurando um ambiente descontraído e de diversão.

Nos quadros do Episódio 3, a iniciativa de Lia Rodrigues e seus parceiros, fundando o Centro de Artes da Maré, é exibida, acentuando seu poder transformador. A importância do Centro é reforçada pelo seu caráter de projeto social, que leva a arte para as regiões periféricas como forma de emancipação dos sujeitos que habitam esses locais. No quadro “Guerreiros e Guerreiras”, é apresentado o projeto de Almir Haddad, diretor e roteirista de teatro, que consiste em apresentar peças no espaço público urbano, para romper com a noção de alta e baixa cultura que fundamentou a produção diversas formas de expressão artística. O debate é ausente, uma vez que ele preza pela exposição de projetos culturais e artísticos – apesar de, na abertura, o apresentador anunciar que “a gente quer discutir com vocês qual o papel da arte para a construção de um país e de um ser humano melhor, Nega Gizza” (*Aglomerado*, Episódio 3).

Episódio 4

O Episódio 4 tem como convidados um grupo de *funk* – Carrossel de Emoções – e outros três funkeiros – MC Cidinho, MC Sapão e MC Frank. A conversa é sobre racismo e também a respeito das diversas formas de preconceito sofridas pelos moradores de periferia e pelos cantores de *funk*. Os convidados são antigos conhecidos dos apresentadores, e até hoje moram nas periferias do Rio de Janeiro – com exceção de alguns integrantes do Carrossel de Emoções. Nele, é possível perceber como a proximidade e a familiaridade são importantes elementos para manter a interação e as opiniões sobre as questões propostas, revelando uma distância do poder de fala entre aqueles que conhecem e vivenciaram o racismo e os que não possuem contato direto com essas temáticas.

A primeira entrevista é realizada com o grupo Carrossel de Emoções⁷, e o distanciamento entre aqueles que sofrem diretamente o preconceito daqueles que apenas se identificam com esse tipo de injustiça fica claro, evidenciando também a distância entre experiências distintas: dos morros e da cidade.

MV Bill: O programa de hoje a gente tá falando sobre um assunto que é um pouco delicado, mas necessário num país como o nosso, a gente tá falando sobre racismo no programa de hoje. E falar sobre racismo, né, Nega Gizza tendo o funk, tendo vocês, eu acho que é muito legal, porque o grupo de vocês, cara, apesar de ser de

⁷ Não foi possível identificar o nome de todos os integrantes do grupo. Para fazer referência às pessoas que não foram identificadas, coloca-se “integrante do Carrossel de Emoções” e, quando necessário, se sua pele é de cor branca ou negra.

funk, que é uma música característica de favela e gente preta, no grupo de vocês a maioria das pessoas são de pele clara, e tem até [...].

Integrante do Carrossel de Emoções: *Tem o negão, tem de tudo.*

MV Bill: *Tem a cota, tem a cota preenchida por você e pelo outro pretinho lá, né.*

Júlia Tolipan (Carrossel de Emoções): *Mas eu acho que o importante pro preconceito é justamente conseguir unir todas as raças [...]* (Aglomerado, Episódio 4).

Nessa entrevista, o apresentador interrompe a resposta de Júlia e pergunta se quando os integrantes brancos, que seriam aqueles que não sofreriam preconceito, estão “travestidos de funkeiros”, eles passam a ser alvo de discriminação ou se eles “continuam passando batido”. Um dos integrantes do Carrossel de Emoções (branco) responde que aparece o preconceito nessas ocasiões e completa “a galera ainda fica meio assim ‘pô, esse *playboy* faz *funk*?’, fazemos, a gente curte isso, né” (Aglomerado, Episódio 4).

A conversa continua tratando do racismo, e MV Bill formula uma pergunta para um dos integrantes negros do grupo Carrossel de Emoções:

MV Bill: *Legal, cara, e você, cara, você no meio desse bagulho todo, que já leva esse funk já na sua veia, carregando no peito [...].*

Integrante negro do Carrossel de Emoções: *Tá ligado, né, o preconceito infelizmente é o que rola constante, né [...].*

MV Bill: *Eu queria saber de você, cara, é diferente quando você vai apresentar um funk sozinho e quando você tá com o Carrossel? Muda?*

Integrante negro do Carrossel de Emoções: *É um pouco diferente, né. Sozinho geralmente eu vou na nossa área, né, que é a comunidade, e nas casas de show quando eu vou fazer funk, nego já tá esperando que realmente já vá um negão lá cantar funk, entendeu? E com o Carrossel é um pouco diferente, nego vê aquela *playboyzada* toda lá e tal, os branquinhos, entendeu, mas rola o preconceito e, tipo, o racismo comigo acontece quando eu chego nos lugares* (Aglomerado, Episódio 4).

Nesse trecho, já é possível perceber a diferença estabelecida entre quem pertence e quem apenas se identifica com as questões de preconceito e racismo. O próprio integrante negro do Carrossel de Emoções enfatiza a diferença de tratamento quando ele está com o grupo e sozinho, nomeando de “*playboyzada*” as pessoas

que acompanham o trabalho do Carrossel – portanto, pessoas que não conhecem e não convivem com a realidade do *funk* –, diferenciando também o público das favelas – que são próximos e vivenciam essa experiência de perto. Esse diálogo deixa claro, mais uma vez, que a proximidade e a familiaridade são condições fundamentais para o estabelecimento das interações dentro do programa.

É inserida, em seguida, uma entrevista sobre as cotas, enfatizando a oportunidade que vários negros e pobres passaram a ter de ingressarem nas universidades por meio desse sistema. MV Bill e Nega Gizza apresentam o quadro dizendo que as cotas são uma forma de reparação para os negros, sendo compreendida como uma chance de mudança de vida por meio da universidade.

Nesse quadro, são convidados o diretor do curso de direito da UERJ à época da exibição desse programa (Carlos Eduardo), um sociólogo (Jailson Silva) e um estudante cotista (Jefferson de Barros), para debater o tema. Nas palavras de Carlos Eduardo, “a primeira dificuldade que se teve foi um conservadorismo” (Aglomerado, Episódio 4), mas afirma que a implementação das cotas foi uma conquista da Universidade, que passou a abrigar um corpo discente mais plural e inclusivo. A fala do diretor é entrecortada por Jefferson de Barros, aluno cotista, que enfatiza a importância das cotas para permitir o acesso às Universidades a quem antes não tinha possibilidade de fazer um curso superior.

A matéria promove a relação entre cotas, racismo e periferia por meio da fala do sociólogo Jailson Silva, que assevera: “O racismo é um dado fundamental pra entender a desigualdade social brasileira, pra entender as estigmatizações de uma parcela significativa da população, pra entender a falta de investimentos públicos nas favelas”. Segundo ele, as cotas são uma condição para a “democratização das universidades” e “o imperativo para construir uma sociedade mais igualitária” (Aglomerado, Episódio 4).

Na apresentação dessa matéria, MV Bill e Nega Gizza dizem que, nessa edição, “Teremos uma matéria polêmica sobre as cotas nas universidades públicas, nem todo mundo concorda, e você?”, e que, através dela, os telespectadores poderão “tirar suas próprias conclusões” (Aglomerado, Episódio 4). Entretanto, as argumentações contrárias, que dizem respeito aos problemas e às consequências das cotas, nem sequer aparecem no programa, que enfatiza a promoção da justiça por meio desse sistema.

O debate sobre o racismo também é fomentado no palco, e a posição nós *versus* eles (negros *versus* brancos; moradores de periferia *versus* habitantes da cidade) é estabelecida, e os convidados enfatizam a disseminação do

preconceito racial no país, que estaria estreitamente relacionado à discriminação social (dos moradores de favela).

Na conversa com o grupo Carrossel de Emoções, quando MV Bill faz uma pergunta sobre o racismo, ele prontamente se dirige para um dos integrantes negros do grupo, demonstrando que a discussão deve ser fundamentada por quem sofre com o racismo. É possível perceber, nessa edição, um apagamento dos cantores brancos do Carrossel de Emoções em prol de estabelecer o diálogo com os negros e moradores de favela. Ainda que os negros, no caso do racismo, sejam os interlocutores privilegiados, na medida em que sofrem o preconceito, é preciso, se se intenciona fundamentar um debate, levar em consideração as opiniões de todos os presentes, ainda que elas não acompanhem o discurso do programa.

No fim do primeiro bloco, é convidado MC Cidinho para o palco. Os apresentadores o chamam de “meu mano”, “parceiro” e por apelidos – em quase todo o programa ele é chamado de “Cidinelson” e “general”, formas pelas quais ele é mais conhecido na periferia onde mora. Já no primeiro encontro, é possível perceber a proximidade entre MV Bill e o funkeiro e a camaradagem que vai marcar todos os momentos de interação entre eles no palco. Eles se cumprimentam e se abraçam calorosamente, demonstrando que são amigos de longa data. Na entrevista com MC Cidinho, é reafirmada uma conexão direta entre ser da periferia e do mundo do *funk* – e poder falar sobre ele –, tematizando o racismo e o preconceito.

No segundo bloco, entra no palco MC Sapão, que cumprimenta MV Bill, o chamando de “negão”, e também MC Cidinho, falando “e aí Cidinelson?”. Nesse momento, nota-se que dois dos convidados que estão no *Aglomerado* – MC Cidinho e MC Sapão – já se conhecem e são amigos íntimos. Ao longo do programa, também

é revelado que ambos se conheceram na periferia onde moram e que mantêm uma relação diária há muitos anos.

A conversa de Nega Gizza com MC Sapão expõe, mais uma vez, a dicotomia entre morro e asfalto, uma vez que a fala do funkeiro afirma uma distinção entre quem é preto e favelado – e sofre diversas formas de preconceito, inclusive o racismo – e branco e rico – representando a parcela abastada da sociedade, que não gosta de encarar o pobre de frente. É possível perceber esse dualismo principalmente quando o cantor acentua a discriminação da classe média quando vê um negro dentro de um carro luxuoso: “Quando eu tô no trânsito, a tiazinha me vê no meu carrão sobe a janela meio escaldada mano, vô te falar. Isso daí acontece direto” (*Aglomerado*, Episódio 4).

Na tentativa de relativizar a opinião de MC Sapão, um dos integrantes do Carrossel de Emoções (branco) busca evidenciar que o preconceito social atinge também os brancos pobres, afirmando que: “Então assim, dando educação decente, seja pro preto, pro branco, porque nem todo pobre também é preto, né. O que tem de pobre branco, tá cheio aí, entendeu” (*Aglomerado*, Episódio 4). Após a primeira conversa em grupo, os três convidados e MV Bill cantam juntos e se abraçam, mostrando a união promovida pelo *funk*, que é um ritmo democrático. Alguns integrantes do Carrossel de Emoções se misturam na plateia e convidam as pessoas a dançarem no palco.

No terceiro e último bloco do programa, é convidado ao palco MC Frank. MV Bill anuncia o funkeiro, situando, de partida, sua origem, o Complexo do Alemão. Além disso, o apresentador caracteriza o convidado como uma importante figura do *funk* carioca. A discussão sobre racismo no Brasil também é dirigida a MC Frank. Em sua resposta, ele enfatiza que o preconceito, qualquer que seja ele, é direcionado aos sujeitos moradores de periferia. Essa



Figura 9. Cantores abraçados no palco.
Figure 9. Singers hugging on stage.



Figura 10. Plateia dança junto com funkeiros.
Figure 10. Audience dances with funkeiros.



Figura 11. Convidados e apresentadores no palco.
Figure 11. Guests and presenters on stage.

asserção reforça ainda mais a situação de distanciamento entre a favela e a cidade, confirmando que as interações devem ser próximas e familiares para que sejam mantidos os lugares de fala de pertencimento e identificação.

Nega Gizza: *Frank, o que que você pensa sobre o racismo no Brasil?*

MC Frank: *Eu tava falando com o VBill ali atrás que eu sou branco, mas tenho sangue de negro. Eu morei em Madureira e fiz a loucura de tentar morar na Barra da Tijuca. Fiquei lá três meses, voltei pra Jacarepaguá. Você entra no elevador, “boa noite”, o cara te olha, foi o que aconteceu comigo, me olhou e não falou nada. Eu sai do elevador e falei “falta de educação”, mora na Barra, mas isso é falta de educação, beleza. Depois de duas semanas, eu fiz um aniversário pra minha enteada e na outra semana o cara entrou no elevador “e aí? Dá um autógrafo pro meu filho?”, pô, eu não mano, você não me desejou, te dei boa noite e você não desejou, você não me respondeu, agora tu quer autógrafo pro teu filho? Então, aí, foi aonde meio que rompeu meu coração, eu preferi voltar de novo pra raiz ali, perto da CDD, tô perto do VBill, tô perto do Cidinho, tô perto do Menor, então já tá bom.*

Nega Gizza: *Legal, representou (Aglomerado, Episódio 4).*

No encerramento dessa edição, é possível confirmar a atmosfera de amizade e união que perpassou o programa, uma vez que a maioria dos convidados já se conhecia e são “parceiros” de MV Bill. O apresentador, ao se despedir e agradecer todos os cantores, diz: “mas essa foto aqui tá muito bonita, geral junto e misturado tá muito, tá brilhoso, principalmente essa parte do meio”



Figura 12. Funkeiros negros e MC Frank no centro do palco.
Figure 12. Black *funkeiros* and MC Frank in the center of the stage.

(*Aglomerado*, Episódio 4), se referindo ao local onde estão sentados MC Sapão, MC Cidinho e MC Frank. Essa última cena do *Aglomerado* representa a necessidade das interações comunicativas e dos lugares de fala serem baseados na proximidade entre os sujeitos e na familiaridade que eles possuem com a realidade debatida.

As estratégias midiáticas versus a efetivação dos objetivos em *Aglomerado*

A investigação sobre as estratégias midiáticas acionadas pelo programa revela que os discursos convocados e as relações estabelecidas formatam o contexto de construção das interações comunicativas. O processo de interlocução é instituído através da construção de um sentido que passa a tomar corpo no curso da fala dos apresentadores e convidados. Como afirma Braga (2011), o lugar de sentido do enunciado não é pré-existente, é edificado em uma situação concreta e envolve uma dinâmica de seleção e atualização de ângulos disponíveis no momento de produção e interpretação.

O horizonte de referência convocado por *Aglomerado* é a periferia compreendida como lugar de pertença e de identificação de todos os presentes (apresentadores, convidados e plateia). O programa convoca a favela e o conhecimento sobre seu cotidiano, estabelecendo um contrato comunicativo que convoca o público e os convidados a se reconhecerem nesse universo (dos subúrbios

brasileiros), compartilhando os mesmos significados (o mundo comum de quem é morador de favela). Na edificação das interações e dos discursos, ela sempre aparece como lugar de referência do qual se fala e para o qual são remetidos os discursos. As entrevistas realizadas nos quatro episódios selecionados revelam que a identificação com os problemas – escassez de recursos materiais, desvalorização simbólicas, preconceito e criminalização – e com as expressões culturais – o *funk*, o *rap*, o *graffiti*, o teatro – é o ponto principal para que determinados sujeitos possam falar e opinar no programa.

As estratégias acionadas para estabelecer o diálogo se relacionam estritamente à matriz de referência apresentada aqui, convocando um sentimento de pertença a uma comunidade de sentido. Dessa forma, os modos de agir e de interpelar edificam uma relação calcada na intimidade e no coleguismo, baseada na construção de um mundo compartilhado entre quem está apresentando o programa, os convidados e aqueles que estão assistindo – seja o telespectador ou a plateia. Destarte, duas estratégias de interação principais aparecem no *Aglomerado*: a proximidade e a familiaridade.

O subúrbio é o local que torna possível determinadas falas no programa – fora dele, não transparece ser possível perceber o valor da cultura de rua (o *funk*, o *graffiti*, a pixação, o *freestyle*) e os problemas sociais que se alojam nesse espaço. Sua convocação cria uma ambiência que torna possível abordar, através dos enunciados, determinadas questões e não outras. Nessa medida, ele permite que os sujeitos se posicionem tendo em vista os sentidos construídos, conformando um lugar em que os proferimentos tenham significados e possam ser interpretados.

Os discursos em *Aglomerado* convocam, em primeiro plano, o pertencimento e, em segundo, a identificação com os modos de vida e da cultura da periferia, autorizando as falas apenas dos indivíduos que estão em consonância com essas exigências. Além disso, é possível notar que o pertencimento é destacado como lugar de fala, enquanto a identificação é acionada apenas em momentos nos quais é preciso tornar autênticas as expressões de convidados que não são moradores de periferia – no caso, Fernanda Abreu, Lenine e alguns integrantes do Carrossel de Emoções.

Ao longo dos episódios analisados, foram evidentes os mecanismos que possibilitavam a interação – a proximidade e a familiaridade – e quais são os sujeitos que produzem as falas veiculadas – aqueles que moram e fazem parte da periferia ou os que conhecem ou simulam conhecer o cotidiano desse ambiente. Os sujeitos no *Aglomerado* devem ou pertencer ou se identificar com as

questões trazidas pelo programa, conformando o espaço no qual eles podem falar sobre determinados assuntos. Isso faz com que DJ Duda e os integrantes dos Bondes convidados sejam importantes porta-vozes do *funk*, dos modos de produção e evolução do estilo musical; permite que eles façam críticas e apontem caminhos para os grupos recém-iniciados. Autoriza que os funkeiros convidados no Episódio 4 – os negros e moradores de periferia – falem sobre o preconceito e sejam consideradas legítimas as suas opiniões e vivências. De outro modo, assente que cantoras como Fernanda Abreu possam expressar suas opiniões sobre o *funk*, sendo considerados legítimos os seus discursos. Permite que Lenine seja convidado a opinar sobre o papel da arte na vida dos habitantes dos subúrbios, entendida como alternativa para a criminalidade.

Entretanto, essas escolhas interferem diretamente na consecução de todas as interações e falas no programa. O principal efeito delas é a construção de uma comunidade extremamente fechada, propondo um mundo comum no qual o acesso é limitado, mundo esse em que só podem participar aqueles que conhecem os sentidos previamente compartilhados. Essa configuração contribui para a atenuação do debate político e para a não realização do objetivo principal do programa, qual seja, apresentar e debater a realidade das periferias.

No que tange os objetivos do programa, nota-se que o *Aglomerado* se inscreve, sobretudo, no terreno de apresentação dos problemas sociais e da cultura da periferia: os diversos quadros expõem projetos sociais, seus fundadores e participantes, revelando como as propostas se iniciaram e se desenvolvem nos subúrbios. A exibição de projetos sociais, de movimentos culturais autônomos e até mesmo de indivíduos que são protagonistas em determinados setores da vida na periferia realça as diversas iniciativas que surgem dentro das favelas, revelando uma vida cultural ampla e em constante desenvolvimento. A proposta de divulgar esses trabalhos demonstra como o cotidiano nos morros se desvencilha das questões de violência ou de carência material e social.

As discussões apresentadas no programa apenas reforçam os temas e os enquadramentos já abordados, uma vez que *Aglomerado* organiza as falas em momentos nos quais há uma continuidade de argumentações entre o que é dito no palco e nas entrevistas gravadas – geralmente após um tema com enquadramento análogo ter aparecido na conversa com os cantores convidados. Com esse recurso, é reafirmada a intenção de discutir a vida na periferia e vê-la através das lentes dos sujeitos que estão inseridos nela ou daqueles que possuem uma estreita

proximidade com a favela e suas questões socioculturais. Novamente, o debate se edifica através de relações calcadas na proximidade e na familiaridade, e nos lugares de fala de pertencimento e identificação. Devido a essas escolhas, *Aglomerado* preza pela dimensão da visibilidade da cultura da periferia e atenua o debate – mesmo que isso contradiga a proposta do programa, qual seja, discutir temas de relevância social que envolvem as favelas e “aglomerar” morro e asfalto.

A organização midiática do *Aglomerado* reverbera na construção do debate, dificultando sua realização. Ela possui consequências diretas no arranjo das argumentações, fazendo com que estejam direcionadas por sentidos previamente definidos, tornando possível a edificação de interações baseadas na proximidade e na familiaridade e sustentam os lugares de fala do pertencimento e da identificação. Desse modo, o debate é atenuado, reforçando linhas argumentativas já acionadas pelo programa.

Considerações finais

O percurso investigativo deste texto apontou como as escolhas interacionais e discursivas efetuadas pelo *Aglomerado* contribuíram para tencionar seus objetivos. O programa, ao instituir relações calcadas pela familiaridade e proximidade, constrói uma ambiência que autentica lugares de fala do pertencimento e da identificação com a vida na periferia. Organizado dessa maneira, *Aglomerado* privilegia a dimensão da visibilidade da cultura das favelas e atenua o debate, convocando discursos e imagens homogêneos pautados pela defesa e valorização dos subúrbios. Porque as enunciações estão moldadas de antemão, há pouco espaço para argumentações divergentes e para a participação de sujeitos que tencionem as concepções expostas.

A configuração dos discursos e das imagens preza pela visibilidade da cultura e da vida social na periferia, buscando promover uma imagem em positivo desse local e de seus moradores. Por meio dessa estratégia, o programa intenciona propor outras representações do favelado, buscando inseri-lo no mundo comum da cidadania e promovendo a participação paritária na sociedade. Ao mostrar o que existe de cultural e de sociabilidade nos morros, *Aglomerado* procura reconfigurar as imagens dos subúrbios e estimulando sua valorização simbólica, colocando-os na mesma posição que outras

expressões artísticas e formas de vida reconhecidas socialmente. Essa escolha está diretamente relacionada com a necessidade de que sejam mantidos os lugares de fala (identificação e pertencimento) e as interações (próximas e familiares).

Nesse contexto, é possível afirmar que as argumentações são dependentes das interações e dos lugares de fala instituídos. A consequência direta dessas escolhas é que a tentativa de aproximação entre morro e asfalto não se concretiza, uma vez que é estabelecido um distanciamento entre a vida na periferia e na cidade. Na medida em que os sujeitos no programa interagem por meio da proximidade e da familiaridade, e se pronunciam a partir do pertencimento e da identificação, não é possível estabelecer uma correlação entre a vida na cidade e nas periferias, já que, para além do subúrbio, não há interlocução nem discurso no *Aglomerado*.

Referências

- AGLOMERADO. 2016. Sobre. Disponível em: <http://tvbrasil.ebc.com.br/aglomerado/sobre>. Acesso em: 16/12/2016.
- BRAGA, J. 2000. Lugar de Fala como conceito metodológico no estudo de produtos culturais. In: PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO (org.), *Mídias e Processos Socioculturais*. São Leopoldo, Editora Unisinos, p. 159-184.
- <https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v6i1-2p25-42>
- BRAGA, J. 2011. Dispositivos interacionais. In: Encontro Anual da Compós, XX, Porto Alegre, 2011. Anais... Brasília, Compós, 1:1-15.
- BRAGA, J. 2012. Interação como contexto da Comunicação. *Matrizes*, 1:25-41.
- COGO, D. 2004. Mídia, identidades culturais e cidadania: sobre cenários e políticas de visibilidade midiática dos movimentos sociais. In: Congresso Brasileiro de Ciência da Comunicação, XXVII, Porto Alegre, 2004. Anais... Porto Alegre, 1:1-15.
- MAIA, R. 2009a. Atores da sociedade civil e ação coletiva: relações com a comunicação de massa. *Lua Nova*, 76:76-87.
- <https://doi.org/10.1590/s0102-64452009000100004>
- MAIA, R. 2009b. Debates públicos na mídia: enquadramentos e troca pública de razão. *Revista Brasileira da Ciência Política*, 2:303-340.
- MATA, M. 2001. Comunicación, ciudadanía y poder: pistas para pensar su articulación. *Diálogos de la comunicación*, 64:64-76.
- MATA, M. 2006. Comunicación y ciudadanía – problemas

teórico-políticos de su articulación. *Fronteiras – estudos midiáticos*, **VIII**(1):5-15.

ROCHA, S. 2005, Favela, soma de exclusões e assimetrias: em busca de uma mobilidade simbólica na cena midiática. *Contemporânea*, **3**(1):185-217.

VAZ, P; CAVALCANTI, M; JULIÃO, L; CARVALHO, C. 2005, Pobreza e risco: a imagem da favela no noticiário do crime. *Fronteiras – estudos midiáticos*, **7**(2):95-103.

VAZ, P; BAIENSE, C. 2011, Mídia e enquadramento: as representações da favela na virada do século XXI. In: Encontro Nacional de História da Mídia, VIII, Guarapuava, 2011. *Anais...* Guarapuava, p. 1-15.

ZALUAR, A.; ALVITO, M. 2003. Introdução. In: A. ZALUAR; M. ALVITO (orgs.), *Um século de favela*. Rio de Janeiro, Editora FGV, p. 7-24.

Fontes primárias

Aglomerado. Funk. (Episódio 1). Rio de Janeiro, TV Brasil, 13 ago. 2011.

Aglomerado. Funk. (Episódio 2). Rio de Janeiro, TV Brasil, 11 jun. 2011.

Aglomerado. Arte no cotidiano. (Episódio 3). Rio de Janeiro, TV Brasil, 09 nov. 2013.

Aglomerado. Racismo. (Episódio 4). Rio de Janeiro, TV Brasil, 23 nov. 2013.

Submetido: 11/01/2016

Aceito: 05/08/2016